

A ASA QUEBRADA DE LULA

Mirian Guaraciaba
Da equipe do **Correio**

Uma das características mais fortes de Luiz Inácio Lula da Silva é a coragem para encarar os infortúnios. Em 1994, ao perceber a derrota, pediu aos amigos e assessores: "Não esmoreçam, estamos numa maratona. Não podemos parar de correr de repente, mas desacelerar aos poucos".

É o que ele fará a partir de hoje. No máximo irá à casa de um amigo em Angra dos Reis (RJ). Precisa descansar. Não é fácil fazer campanha política. Mais duro quando enfrenta a disputa em desvantagem: seu principal adversário estava no poder. E por isso, na mídia.

Talvez essa seja a derrota mais amarga de Lula. O grande condutor de massas, líder sindical e partidário, não soube se transformar num comandante político. Lula cometeu erros imperdoáveis. Desprezou o poder Legislativo, não quis voltar para a Câmara, nem tentar o Senado. Pulou para o Executivo.

Agiu sozinho. Quis ser autêntico. Foi sincero e aí está outra marca do estilo Luiz Inácio Lula da Silva. Lula decretou sua derrota quando declarou à *Revista Veja*, em novembro de 1997, que estava desanimado, não queria ser candidato. Lula falou por ele, homem, cidadão. E não como líder.

Qual o eleitor — a não ser o petista militante ou o cidadão que tem fortes raízes na esquerda — levará a sério as propostas de um candidato que não queria ser candidato? Até o fim da campanha, Lula não resgatou o ânimo, a alegria vibrante de 1989, nem o vigor e a determinação de 1994.

No início de 1997, Lula já dizia que não seria candidato à Presidência da República em 1998. Quando a emenda da reeleição foi aprovada, insistiu na decisão. À exaustão. Lula vivia então a crise dos 50 anos e um drama pessoal.

Líder carismático, conhecido e respeitado em todo o país, recebido por presidentes e líderes internacionais, Lula não tinha na família o estímulo para continuar na luta. Marisa, sua mulher, pedia insistentemente que deixasse a política.

É como sugerir que ele pare de respirar. Para o público externo dizia que não pretendia ser um novo Paulo Maluf, eterno candidato. Dizia que não queria, mas trabalhava a favor de sua candidatura.

DESAVENÇAS NO PT

Na campanha de 1998, encarou desavenças e críticas dentro do próprio PT. A ala mais iluminada do partido queria poupá-lo e oferecer ao eleitor um novo nome, nova chance. O ex-prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, colocou-se à disposição, queria ser candidato.

Aí aparece uma contradição do caráter cristalino de Lula. O líder que os petistas respeitam acima de qualquer suspeita não conseguiu ser magnânimo. Nunca ficou bem explicado porque Lula quis fazer tudo de novo, sabendo que seria extremamente difícil vencer Fernando Henrique.

Primeiro, porque foi assim em 1994. Forças conservadoras, neoliberais, os de centro-esquerda engrossaram as fileiras do social-democrata Fernando Henrique Cardoso.

Segundo, porque Fernando Henrique mostrou serviço em seu primeiro mandato. Por pior que tenha sido o governo, com desemprego e recessão, não teve escândalos à moda Collor, nem inflação no estilo José Sarney.

Os eleitores percebem a diferença entre um candidato que passou por um cargo executivo — caso de Ciro Gomes, desconhecido do grande público, que teve votação considerada boa pelos especialistas — e outro que foi deputado federal uma vez e nunca mais.

Companheiros de Lula o acusam de ter descumprido regras elementares da política brasileira. Lula pulou etapas do movimento republicano. Não há um caso no Brasil de alguém que tenha chegado à Presidência da República sem passar por um governo de estado ou pelo Senado.

Os políticos tradicionais e os de esquerda também não perdoam o rótulo que Lula deu ao Congresso. Irritado com a apuração do escândalo do orçamento e a tendência de absolvição de alguns envolvidos, Lula disse que havia por lá "300 picaretas".

Em 1982, dois anos depois de

fundar o Partido dos Trabalhadores com pouco mais de 100 pessoas — intelectuais e operários — Lula disputou o governo de São Paulo. Ficou em quarto lugar. Na campanha seguinte, desistiu. Se tivesse insistido poderia ter dado a sua carreira rumos bastante diferentes.

MALDIÇÃO COLLORIDA

Lula foi a grande força política do final dos anos 70 e começo de 80. A imagem do operário e a tendência do voto de trabalhador para trabalhador garantiam o início de uma história democrática de luta pelo social. O PT perdeu em 1989, mas seus líderes sabiam

que seria assim. Fazia parte do processo de crescimento e consolidação do partido.

Mas a disputa transformou-se numa guerra do mal contra o bem. Era a primeira eleição presidencial depois de um jejum de quase 30 anos. Fernando Collor venceu deixando um rastro de

maldades. Tirou do caminho os velhos líderes.

A direita então se preparou para voltar em 1994 e o PT tornou-se apenas eleitoralista. Enquanto o PFL deixou de ver a Europa como roteiro turístico, tirando lições dos avanços — e recuos — políticos europeus, o PT abusou do proselitismo.

O PT vive hoje a maldição de Collor. Era um partido de longo prazo, de consolidação sistemática, e foi obrigado a uma revisão dramática de seus objetivos.

Petistas de primeira hora acham que o grande desafio de Lula e do partido é fazer agora o que deveria ter sido feito depois de 1989: entender a complexidade do Brasil. Tirar das eleições o recado de que o Brasil que o PT conhece não é todo o Brasil, não é suficiente para ganhar uma eleição.

"Sentamos no primeiro banco e o dono da festa pediu que saíssemos porque havia convidados mais importantes", resume um líder petista.

MELHOR DE TODOS

Há estudos sobre a vida, o comportamento, e a história política de Luiz Inácio Lula da Silva. Ele tem a seu favor uma trajetória única no Brasil. Seu único paralelo no mundo talvez seja Lech Walesa, líder sindical polonês que chegou à presidência daquele país.

Lula passou incólume por denúncias de corrupção que abalaram o PT duas vezes. A primeira, feita por um amigo. De malversação de verbas públicas por um prefeito petista. A segunda, da compra de um carrão em nome de Lula. Nenhuma das duas deixou marcas indeléveis.

Hoje, quando acordar, o grande líder trabalhista das últimas décadas não pensará no seu futuro. É muito cedo para fazer planos. Mas qualquer que seja seu rumo, Lula não abandonará a luta, nem o partido. Essa era única certeza que o acompanhava nos últimos dias de campanha.

Há uma semana, num comício em Brasília, Lula recebeu de uma amiga a frase de Leo Buscaglia, um italiano da auto-ajuda. E a recitou para a platéia: "Nós somos anjos de uma asa só. Só podemos voar quando estamos abraçados". Lula é assim.

